

Casal Camata adere a Collor e deixa PMDB

BRASÍLIA — O casal Camata *colloriu*. A adesão do senador Gerson Camata e de sua mulher, deputada Rita Camata, ambos do PMDB do Espírito Santo, só não foi anunciada ontem por questão de detalhe. Os dois viajaram e deixaram de receber o convite pessoal de Fernando Collor de Mello para ingressarem no PRN. Na próxima semana, essa formalidade será cumprida.

Gerson e Rita são bem-vindos ao PRN, mas outras adesões estão sendo negociadas com muito cuidado por Fernando Collor. É o caso dos dissidentes do PDS, como o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin; o ex-deputado Nelson Marchezan, do Rio Grande do Sul; e o senador João Castelo, do Maranhão. Na noite de quinta-feira, houve uma longa conversa entre Collor e Castelo, inimigo político do presidente José Sarney, mas nada ficou acertado.

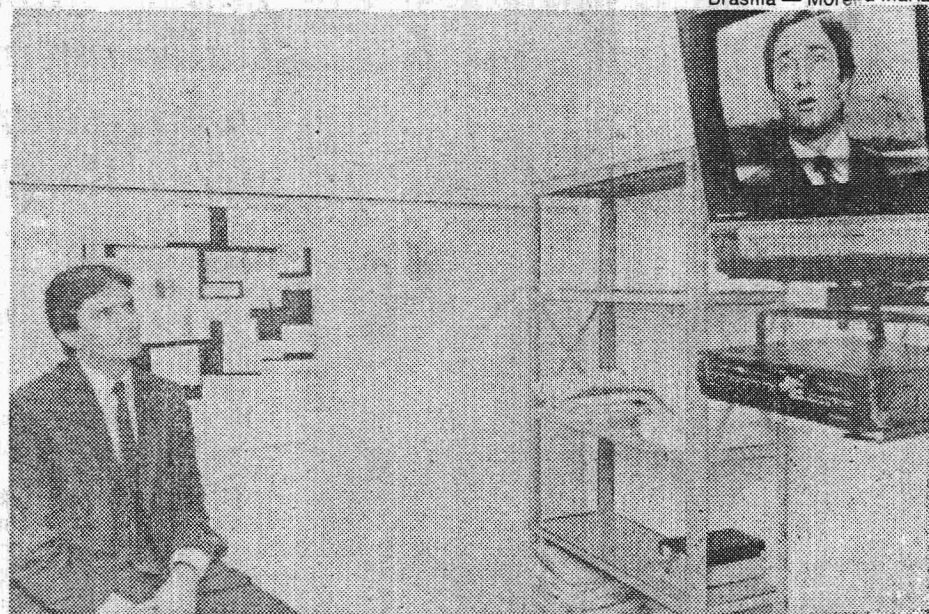
Amin e Collor conversaram esta semana em Florianópolis, e chegaram até pensar numa composição com Marchezan na vice. Mas a hipótese foi descartada por suas implicações legais e políticas. O deputado Delfim Neto (SP), atualmente presidindo o PDS, teria manifestado desejo de também aderir à campanha de Collor. Mas o ex-governador de Alagoas não tem o menor desejo de ter apoio de Delfim.

Collor rejeitou ontem o apoio do PMB (Partido Municipalista Brasileiro), que pleiteou ingresso na coligação onde já estão PRN, PTR e

PSC. Na conversa com o senador Ney Maranhão e a viúva do senador Antônio Faria, ambos de Pernambuco, Collor ponderou que é muito difícil incorporar a sua campanha um partido que tem como líderes o ex-ministro Aníbal Teixeira, em Minas, e o ex-deputado Múcio Athayde, no Distrito Federal.

Manaus — A campanha eleitoral de Collor iniciará com um comício em Manaus, na próxima quarta-feira. E contando, aí sim, com uma adesão que empolgou o partido: o vereador Mário Frota, que deixou o PSB e foi uma das figuras de destaque da esquerda do PMDB. "Escolhi a Amazônia para começar por causa do símbolo ecológico", disse o candidato do PRN. "Eu sou da geração que tem um compromisso com a vida."

Collor acha que esteve muito contido no programa na televisão do PSC, que foi ao ar na quinta-feira. "Não pude ser agressivo. Gostei mais do programa do PRN", comentou. Ele assistiu ao programa na Cap Software, onde estão instalados os dez telefones do *Brasil Novo*, nome de seu comitê, e o sistema de computadores que armazenam dados para a campanha. Com ele, estavam o deputado Ismael Wanderley, genro do ex-ministro Aluizio Alves; José Carlos Martinez, que militou no *Centrão*, e o ex-deputado Sebastião Nery, que apaludiu o programa ainda em sua primeira metade.



Collor avalia seu desempenho no programa gratuito do PSC

Telefonemas — Entre as quase 800 ligações feitas para o comitê, desde 21h30 de quinta-feira até o final da tarde de ontem, Collor falou com cinco pessoas que pediram desde material de campanha, até mais detalhamento sobre as suas idéias. Nem todos definiram voto ainda pelo candidato.

Este é o caso da socióloga, Maria Cecília de Barros Santos, casada com o Secretário de Saúde de Rio Claro (SP), terra natal de Ulysses Guimarães, candidato do PMDB. "Não *colori* ainda. Os outros candidatos eu já conheço. O Fernando Collor é meio enigmático. Gostaria

de ver aprofundadas algumas idéias dele. Quero saber o que ele pensa em relação a socialização da medicina." Collor prometeu responder esta questão até julho. Por enquanto, Maria Cecília fica entre ele e Mário Covas.

Edson João Leoneti, corretor de imóveis de Ribeirão Preto (SP), não acredita mais nos políticos. "Ele pode ser uma esperança, mas me desagradou muito ele ter votado em Maluf. Aconteceram tantas coisas, que a gente pergunta: será que o Maluf não estava certo?", comentou Leoneti.